

# A CHAVE DO MONARCA AZUL

(PREVIEW)

POR BRUNO MORAES



(REVISADO POR THAYRINE KLEINSORGEN)

**“Você sabe que não adianta fechar os olhos, garoto!”**

Ele estava certo. Eu sabia, porque já estava cansado de tentar. O resultado era sempre o mesmo: não era bem como se eu o visse com a minha mente, eu já sabia que a mente não podia ver, apenas imaginar. E eu não estava imaginando o Arlequim. Eu o estava *vendo*, como uma imagem etérea tatuada por dentro das minhas pálpebras. Azulado, reluzente, olhando para mim com o seu sorriso-não-sorriso. Dizendo para mim que não adiantava, que nada que eu fizesse adiantaria. E eu sabia, porque já estava cansado de tentar.

Então eu abri os olhos e o encarei, de pé, alto e longilíneo como um adulto. Ele se curvava para caber no meu quarto, entre os bichinhos de pelúcia e os bonecos dos X-Men e dos Cavaleiros do Zodíaco. Eu o encarei em desafio, sabendo o que ele fazia com o quarto quando estava lá. É até interessante como eu, mesmo com oito anos, compreendia muito bem os fenômenos relacionados ao Arlequim. Especialmente, compreendia que não havia fuga e que, mesmo ele não sendo um adulto como os outros adultos eram, também tinha o poder clássico das pessoas altas: eu não tinha escolha senão obedecê-lo.

Seus olhos sem pupila me encaravam, e ele brincava com seu baralho em antecipação. Então eu me levantei e fui até ele, pois era o que eu deveria fazer. Ele me abraçou e tirou uma carta do baralho, e...

\*\*\*

Eu não me lembro muito bem da minha infância. Quer dizer, lembrar eu até que me lembro. Minha capacidade de evocar as memórias dessa época, especialmente as visuais, me rendeu uma carreira afinal de contas. A parte confusa para mim é a cronologia de algumas coisas, é a forma como os eventos se entrelaçam na estranha rede viscosa do cérebro. Principalmente, eu tenho problema em saber o que algumas coisas significam.

O que mais me intriga agora é saber que a maioria das minhas memórias não é sequer factível, perceber que nenhum dos meus traumas faz um sentido lógico. Mais do que isso, a dúvida que mais me morde a mente é como eu consegui viver tudo aquilo que tangencia o Arlequim sem perceber nada de errado. Eu sempre fui uma criança esperta.

Antes da primeira aparição do Arlequim, eu vivia uma vida segura. Meus pais tinham um casamento estável, minha irmã era velha demais para brigar comigo constantemente ou sequer se importar o bastante para isso, e meu tio que morava com a gente era OK. Eu dividia meu tempo entre os estudos, o *videogame* e os livros. Nós morávamos em uma casa grande em Ipanema, e tínhamos dinheiro e conforto. Quando nos mudamos para lá, meu pai me deu um cachorrinho que eu chamei de Pink Floyd. Eu gostava muito dele. Nada sugeria que eu tivesse qualquer tipo de perturbação.

(Meus pais ficaram bem espantados, inclusive, quando eu publiquei o meu primeiro livro. Eles não imaginavam nem mesmo que eu gostasse de histórias de terror.)

Eu acabo de voltar da sessão de autógrafos do meu quarto romance. Eu sou um puta sucesso agora. As pessoas acham que meu talento e paixão pelo *gore* são frutos de uma imaginação perversa e doentia. Especialmente as descrições mais acuradas. “Como é que você cria essas coisas?”. Perguntaram-me isso hoje. O que eu *crio* das minhas histórias são os personagens humanos e uma pequena parcela do enredo.

Todo o resto, como eu disse antes, é trunfo das minhas memórias de infância.

\*\*\*

Eu nunca sabia quando ele iria chegar. Acho que isso me assustava quase tanto quanto o resto todo. Eu sei que às vezes eu acordava no meio da noite e ele estava lá parado, me olhando, alto demais para manter-se ereto no meu quarto. Alto e alongado, alto e inumano. Ele fazia truques de cartas com um baralho desgastado, e me dava ordens. Depois de poucas visitas, eu não questionava mais os porquês dele, ou mesmo a sua existência, sua plausibilidade. Acho que quando se é criança, você simplesmente enche seu mundo com certezas. Primeiro você desconhece a existência de um mundo inteiro fora da sua casa e da sua família. Depois vem a escola, os amiguinhos e a casa dos amiguinhos, e você aceita que o mundo existe e tem certeza dele. E então vem a matemática, vem a literatura, as ciências e os estudos sociais. Antes mundos inteiros inexistentes, e então você simplesmente tem certeza deles.

Com o Arlequim foi igual. “Isso acontece.”, eu pensava.

“Isso é normal.”

“Todas as crianças passam por isso.”

Fecho a porta atrás de mim, e ganho as ruas. Ciente da probabilidade que existe de que ir até lá seja um grande erro. Das duas últimas vezes foi um erro. Mas agora é muito diferente, e eu preciso ver que porra está acontecendo. Como é que...?

Eu tinha sete anos quando ele apareceu pela primeira vez. Mas eu não consigo me lembrar de como foi, não importa o esforço que eu faça... E várias vezes eu fiz esse esforço, eu tentei desenterrar esse episódio em particular, e uma cruzada de insucessos é tudo o que sempre me veio como resposta. O rosto dele me encara na memória, rindo de mim, sem uma boca para sorrir. Impedindo-me de chegar à profundidade necessária. A memória mergulha mais para fundo, mais para longe de mim, e eu tenho medo de me afogar ao procurá-la. Eu não sei como foi que ele chegou...

Ele só chegou, e eu tive certeza dele.

\*\*\*

Putá que pariu! É claro que foi assim! Como eu pude me esquecer por tanto tempo?

E o quão curioso é essa memória me voltar assim, tão fácil, só porque...

Bem... Não importa!

O Arlequim apareceu para mim pela primeira vez na noite em que meu cachorrinho morreu. Havia sido um dia irregular, meus pais estavam muito aborrecidos. Eu ainda não brigava na escola a essa época, então não era culpa minha. Alguém tinha morrido. Um amigo antigo da família do meu pai. Eu cheguei da escola e vi meu pai e meu tio bebendo conhaque e olhando para o nada. Mamãe também estava chateada pela perda deles. Tão chateada que fez um jantar sem graça, para combinar com o clima ruim que se instaurava na casa. Não tinha salada e nem suco. A carne estava insossa, e o purê estava com um gosto azedo e esquisito, mas eu comi ainda assim. Eu era só um garotinho, mas já havia entendido que quando os adultos mostram que estão tristes é porque eles estão tristes mesmo.

Minha irmã, porém, não tinha esse tato. Acho que com quinze anos, quando não se é uma pessoa esquizoide como a que eu me tornei, você sente necessidade de atenção, e fica chateado quando seus pais têm preocupações maiores.

Logo depois do jantar, como se tudo fosse culpa minha, ela brigou feio comigo por causa do *videogame*, então resolvi ficar no meu quarto lendo. Ela quase nunca brigava comigo, mas sabia ser bem cruel sempre que isso acontecia, e eu estava triste e não queria que ninguém me visse chorando. Eles já estavam com problemas demais.

A casa de Ipanema, ao contrário do apartamento anterior na Tijuca, era grande e velha e um pouco escura. Eu não ligava nada para isso. O subliminar cheiro de umidade, a escassez de janelas, até mesmo as rachaduras nas paredes não me incomodavam nem um pouco. Na verdade, eu gostava bastante da casa exatamente como ela era. Fazia lembrar a casa do Professor Kirke, em *As Crônicas de Nárnia*. Quando chegamos lá, fiz questão de correr para escolher o quarto no andar de cima. Ele era bem espaçoso, e eu gostava de pensar que cabia todo um mundo imaginário lá dentro.

As paredes tinham passagens escondidas, que levavam a prados por sobre os quais dançavam a neblina e o orvalho, por onde eu poderia correr quando quisesse e ouvir as últimas notícias da Tropa dos Canários. Por dentro da madeira do guarda-roupa, entre os desenhos circulares, entre as farpas e ranhuras, eu sabia que havia grandes bosques nevados onde eu poderia andar atrás de ruínas e poções. Nos bosques viviam os gnomos e as fadas, mas eu sabia que nem todos os membros dos povos gentis são neutros em relação aos humanos, e eu não poderia aceitar presentes ou comer da sua comida. Não sem enfrentar consequências, pactos mais antigos do que a minha casa, do que o meu mundo. O reflexo das minhas janelas (especialmente transitável em noites de chuva) era o Grande Mar, por onde eu poderia nadar durante anos e nunca passar duas vezes pelo mesmo lugar. Eu aprenderia a língua dos golfinhos e as palavras mágicas das Tormentas, e me juntaria à tropa dos hipocampos na eterna guerra contra as Marés Selvagens. E, naturalmente, havia o mundo das feras e as aberrações, cujo portal gélido ficava nas sombras sob a minha cama. Eu não pensava muito nele, apesar de saber que havia uma grande recompensa para o garotinho ou a garotinha corajosa o bastante para andar até lá.

Toda criança tem esse temor, eu acho. O que importa é que eu sempre tive uma imaginação fugidia e, a essa época, ela me ajudava nos tempos difíceis, fosse ilustrando meus livros na mente, fosse roubando deles os elementos para minhas próprias histórias e brincadeiras.

Nesse dia eu estava lendo “O Caso da Borboleta Atíria”, da Coleção Vaga Lume. Eu adorava esses livros de mistério infanto-juvenil. Foram eles que me ensinaram a ler, praticamente. Junto com alguns clássicos de fantasia britânica e os livros do Monteiro Lobato. Li o livro da atíria até começar a me sentir tonto de sono, então pus meu pijama e fui deitar. Lembrei da briga com a minha irmã, das palavras dela tentando me diminuir, e chorei um pouquinho em silêncio. Antes que percebesse, já estava dormindo, e qualquer tristeza parecia muito longe da minha muralha de sonhos.

No meio da noite eu acordei com frio, e lá estava aquela... *Coisa* olhando para mim do alto, curvada para frente ao pé da cama. No começo pensei que fosse uma das criaturas do Abismo debaixo da Cama, mas eu já havia ido até lá e sabia que eles eram

diferentes. Eu os havia criado, e eu não havia criado aquilo. A coisa na minha frente era alta e fria, ela irradiava uma cor fria, quase branca, e me dava medo e gelava meus ossos. Eu decidi que ele era um arlequim, porque se vestia de um jeito parecido, com uma gola em forma de estrela e uma roupa desajeitada e desconfortável. Do pescoço para baixo, ele parecia um bobo da corte qualquer, exceto pelos braços alongados demais. O rosto dele, a pele dele era o problema. Ela era em um tom de lividez azulada e doente, uma cor que os mortos deveriam ter. E sua textura parecia seca, quebradiça, artificial. Ela não parecia pele. Parecia fingir ser pele. Suas dobras emborrachadas e grotescas eram especialmente evidentes à volta dos olhos vazios e opacos, que pareciam encaixados à força naquele rosto falso. Eram ainda mais claras em torno da pedra escura que ele tinha cravada na testa e na raiz dos cabelos arrepiados e volumosos. E a textura nojenta da pele dele era ainda mais gritante onde deveria haver um nariz e uma boca, caso ele fosse um homem normal como meu pai ou o meu tio. A pele estava retraída, repuxada, em torno de um buraco imenso e vazio que tomava toda a parte inferior do rosto dele... Um buraco! Um buraco por onde se escondia uma camada fina de músculo rosado e sombras, e nada mais.

Eu tive medo dele no momento em que o percebi. Fechei meus olhos com força para que ele desaparecesse. A inocência que infecta a lógica infantil chega a ser perversa às vezes.

**“Não adianta fechar os olhos, garoto!”**

Ele estava certo. Não adiantava. Eu continuava vendo ele, como uma imagem etérea tatuada por dentro das minhas pálpebras. Brilhando contra o manto escuro de tecido epitelial que me tapava a vista.

Eu não tinha escolha.

Ele não iria embora.

Eu teria de falar com ele.

— Quem é você?

**“Um amigo.”**

— Você precisa de um nome.

**“Se você acha melhor assim, então me dê um.”**

— Vou te chamar de Arlequim.

**“Esse não é meu nome, mas tudo bem.”**

Ele se inclinou sobre mim, chegando o rosto muito perto do meu. De perto, sua pele falsa e azul-acinzentada era ainda mais repulsiva. Eu tive medo que ele me tocasse, então tentei afundar o máximo que pude no meu travesseiro. Ele respirava forte, um hálito frio e inodoro, e olhava para mim com seu par de olhos brancos e inexpressivos. Eu tremia. Ele era horrível e incômodo, e estava em cima de mim. Ainda assim, eu sentia frio, um frio que nunca tinha sentido antes. Uma sensação que nunca tinha sentido. Eu queria que ele fosse embora. Desejei isso no fundo do meu coração.

**“Eu sei que você está triste.”**

Uma imagem da minha irmã piscou na minha mente. Piscou como um relâmpago, muito clara e ofuscante, tomando e tornando-se tudo o que existia naquele momento, e então desaparecendo com um eco reverberante e desconfortável. Eu tinha muito medo de relâmpagos. Tinha ainda mais medo da sensação de que o Arlequim havia de alguma forma inserido aquele pensamento na minha cabeça.

**“Você não deveria deixar que coisas assim te deixem triste, rapazinho.”**

A voz dele penetrava na mente, como as imagens que ele estava tentando plantar em mim. Eu não conseguia me mover sob o peso dele, sob o peso do medo de tocá-lo, da vontade de me manter longe de tudo o que fosse a pele dele, e senti que a qualquer momento eu acabaria por desmaiar ou ter um episódio de asma. E aí eu estaria realmente com problemas. Não queria desmaiar com aquela coisa perto de mim. Sua respiração ficava cada vez mais forte saindo por aquele buraco no seu rosto deformado.

**“Não deveria ficar triste, você é um garoto feliz. E eu quero que você seja feliz, nós todos queremos.”**

— Quem são vocês todos?

**“Eu tenho outros amigos além de você. Eu posso te apresentar a um deles hoje! E assim, ele poderá ser seu amigo também. Na verdade, você vai conhecer um deles hoje mesmo. Mas você tem de prometer que vai ficar feliz, e você tem que prometer que não vai falar para ninguém. Na verdade, não vai falar nada de mim para ninguém também, nem para o papai ou a mamãe.”**



Eu não queria conhecer nenhum amigo dele. Eu só queria voltar a dormir. A essa altura, começava a ter certeza de que eu sequer havia brigado com a minha irmã, ele que tinha feito isso acontecer na minha cabeça, para me dar vontade de ir com ele para onde quer que ele quisesse ir.

— Eu não quero ficar feliz só porque você está mandando. E eu não quero conhecer os seus amigos.

**“Eu não estou dando a mínima para o que você quer, garotinho. Na verdade, eu quero mais é que se foda! Você vai fazer o que eu mando quando eu mando. Você não vai me questionar, e não vai falar nada disso nunca para ninguém, OK?”**

Sua mão pousou no meu pescoço, e começou a apertar. Percebi, momentos antes, que ele tinha buracos de fechadura nas palmas das mãos, abertos, negros e convidativos como a fechadura de portas proibidas, como eram as portas do quarto de bagunça ou do armário do papai. Vi esses buracos e só entendi o que vi quando as mãos já estavam pressionando minha pele, meus músculos e minha pequena traqueia. Eu sentia que sua pele se mexia de forma desigual enquanto ele apertava meu pescoço, como se coisas rastejassem na camada mais interna da mão dele, e tremessem em torno da minha garganta. Eu tinha sete anos e nunca tinha me sentido daquele jeito. Ninguém nunca tinha me tratado daquele jeito, nem mesmo minha irmã naquela tarde, se é que aquilo tinha acontecido. Ele apertava, e eu me sentia sufocando, enquanto a outra mão do Arlequim desabotoava meu pijama e cravava unhas malfeitas e quebradiças na minha barriga. Ele estava me marcando fundo. Pensei que se eu saísse dessa, pelo menos ia ter como provar que isso aconteceu, e ele estava ferrado nas mãos do papai.

(Àquela época, eu achava que meu pai era o homem mais forte, íntegro e correto do mundo. Isso foi antes, claro, de ele ser descoberto traindo minha mãe com uma menina de vinte e dois anos e aparecer chorando, bêbado e humilhado em casa. Todos temos os nossos heróis, até o dia em que eles caem.)

**“Ninguém nunca vai acreditar em você, de qualquer forma. Além disso, eu sei o quanto você quer que eu vá embora, então você vai vir comigo e calar a boca. Se**

**não, nós nunca mais vamos sair dessa noite. Eu posso fazer coisas com o tempo, posso fazê-lo fluir ou gotejar à minha maneira própria.”**

Eu comecei a chorar de novo e a me debater. Depois de alguns momentos, devia estar fazendo um barulho bem alto, mas ninguém mais na casa parecia ouvir. O ar nos meus pulmões estava se tornando saturado e tóxico, e eu sentia minha boca ficando fria e azulada. Então eu desisti de lutar e fiquei quieto, e ele entendeu que eu cooperaria.

Ele saiu de cima de mim e ficou agachado no chão, me olhando tossir, me contorcer e reabotoar meu pijama. Eu via na cara dele que ele estava sorrindo, em algum lugar dentro daquele buraco negro que ostentava na cara. Ele via na minha cara que eu estava chorando. Eu desejava que houvesse uma palavra bem ruim para expressar meu ódio e minha opinião sobre o Arlequim. Eu só fui descobrir essas palavras na quinta série.

O Arlequim pegou um baralho, e era um baralho muito, muito velho e desgastado. Algumas das cartas estavam roídas por traças, e os desenhos dos naipes, números e figuras monárquicas estavam completamente desbotados, quase incompreensíveis. Ele retirou uma carta do bolo, e colocou outra, tirada de dentro de sua “boca” infinita.

**“É melhor desse jeito.”**

Guardou o baralho e apontou para a porta do guarda-roupa.

**“Agora você entra por ali. Eu já estou lá te esperando!”**

\*\*\*